

*Luiz Eduardo Motta \**

"É necessário que se saiba, e mais do que isso que se diga, que a 'Questão Althusser' não é dominante, entre nós, uma questão teórica mas sobretudo uma questão política". Essa frase que inicia o artigo de Carlos Henrique Escobar, publicado na revista *Leia Livros* em junho de 1979, expressa bem o contexto no qual a obra de Louis Althusser repercutiu na formação social brasileira entre a segunda metade dos anos 1960 e o início dos anos 1980. Nessa conjuntura, Althusser, juntamente com Gramsci, foi o filósofo marxista mais publicado no Brasil, além de ter sido o principal alvo de diversas análises contrárias, ou não, à sua teoria. O artigo de Escobar demarca explicitamente sobre quem e quais foram as instituições que se opuseram a obra de Althusser desde o início de sua inserção ao cenário intelectual brasileiro. Essa oposição encontrava-se tanto nos intelectuais vinculados ao PCB de matriz teórica lukacsiana, como Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder, e também parte da intelectualidade paulista vinculada ao eixo USP-CEBRAP, especialmente nos trabalhos Fernando Henrique Cardoso e José Arthur Giannotti, ambos citados no texto de Escobar.

Essa estigmatização intelectual e política por parte do CEBRAP-USP não foi exclusiva a Althusser e a seus seguidores (Poulantzas, Balibar, Badiou, etc.), mas também a corrente terceiro-mundista da teoria da dependência de Ruy Mauro Marini e Theotônio dos Santos, como observam Martins e Valencia (2009: 13). No entanto, é surpreendente nessa conjuntura entre o início e o fim da ditadura militar a ênfase crítica que se deu à teoria althusseriana por parte da intelectualidade de esquerda (e também de direita) em termos de publicação de artigos ou livros. Em oposição às teses de Althusser escreveram José Arthur Giannotti (*Contra Althusser*, 1968), Norma Bahia Pontes (*A situação de Althusser no pensamento contemporâneo*, 1968), Luciano Zajdsznajder (*Sobre Althusser*, 1970), Caio Prado Jr. (*O marxismo de Louis Althusser*, 1971), Fernando Henrique Cardoso (*Althusserianismo ou marxismo? A propósito do conceito de classes em Poulantzas*, 1971 e *Estado capitalista e marxismo*, 1977), Tarcísio Padilha (*Filosofia, ideologia e realidade brasileira*, 1971), Carlos Nelson Coutinho (*O estruturalismo e a miséria da razão*, 1972), Paulo Silveira (*Do lado da história*, 1977 e *Poulantzas e o marxismo*, 1984), Jacob Gorender (*O*

*escravismo colonial*, 1978 e *O conceito de modo de produção e a pesquisa histórica*, 1980), Sergio Paulo Rouanet (*Imaginário e dominação*, 1978), Ruy Fausto (*Marx: lógica e política*, 1983), Pedro Celso Uchôa Cavalcanti (*Convite à leitura de Gramsci*, 1984), José Guilherme Merquior (*O marxismo ocidental*, 1986). Numa crítica menos acentuada, e até com um grau de simpatia, foram os trabalhos de Miriam Limoeiro (*Ideologia do desenvolvimento*, 1978) e José Guilhon Albuquerque (*Instituição e poder*, 1980 e *Althusser, a ideologia e as instituições*, 1983). Incluí-se também na lista dos textos críticos a Althusser os livros traduzidos de Raymond Aron (*De uma sagrada família a outra*, 1970), Michael Löwy (*Método dialético e teoria política*, 1978), Adolfo Sanchez Vásquez (*Ciência e revolução*, 1980), Edward P. Thompson (*A miséria da teoria*, 1981), e Leszek Kolakowski (*O espírito revolucionário e marxismo: utopia e antiutopia*, 1985), e o artigo de André Glucksman (*Um estruturalismo ventríloquo*, 1970).

Antes de comentarmos o texto em questão é necessário que falemos sobre o seu autor, o filósofo e dramaturgo Carlos Henrique Escobar. Nascido em São Paulo no ano de 1933, o nome de Escobar esteve intensamente associado ao marxismo althusseriano nos anos 1960 e 1970. Foi de fato o seu principal disseminador nesse contexto e teve como ponto de partida o seu artigo *De um Marxismo com Marx* publicado no número 13/14 da *Revista Tempo Brasileiro* em dezembro de 1966. Seguiu-se a esse artigo outros que, em maior ou menor grau, trataram de Althusser e de seus seguidores (Balibar, Pêcheaux, Establet, Poulantzas, Bethelheim, Terray, etc.), além de livros que analisaram a contribuição de Althusser na teoria marxista e seu impacto na conjuntura política/intelectual. Em torno dele formou-se um grupo de intelectuais que se dedicaram a pesquisar a obra de Althusser, sobretudo em seu aspecto epistemológico, e em grande parte colaboradores da *Revista Tempo Brasileiro*. Nesse grupo constava-se os nomes de Eginardo Pires, Alberto Coelho de Souza, Marco Aurélio Luz, Severino Bezerra Cabral Filho, Manoel Barros da Motta e o historiador Manuel Maurício de Albuquerque.

Nesse período - que vai de 1966 até 1979 - Escobar publicou o artigo *As Leituras e a Leitura Prático-Teórica*, publicado na coletânea *Epistemologia e Teoria da Ciência* pela editora Vozes em 1971, e organizou quatro números monográficos da revista *Tempo Brasileiro*, na qual abordou temas como *Epistemologia* (nº28 e nº30/31, 1972), *As instituições e os discursos* (nº 35, 1973), *A história e os*

*discursos* (nº36/37, 1974). Nesses números foram publicados juntamente com os artigos de sua autoria (*Uma filosofia dos discursos: uma ciência dos discursos ideológicos* no nº 30/31 e *As instituições e o poder* no nº 35), textos de Louis Althusser, Etienne Balibar, Thomas Herbert (pseudônimo de Michel Pêcheux), Georges Canguilhem, Roger Establet, Nicos Poulantzas, Michel Foucault, Felix Guatarri, Gaston Bachelard, Jacques Allan-Miller, Franco Basaglia, Ivan Illich, William Reich, Eugene Ènriquez, Bernard Sichere, Cláudio Miranda e Luiz Eduardo Soares. Somando-se a esses artigos, Escobar publicou nesse contexto quatro livros: *Epistemologia das ciências hoje* (1975), *As ciências e a filosofia* (1975), *Discursos, instituições e história* (1975), e o seu livro mais conhecido *Ciência da história e ideologia* (1978) em que mobilizou diversas questões e autores relacionados ao marxismo althusseriano. Seus últimos artigos influenciados por Althusser foram publicados em 1979: *Da categoria de cultura: do aparelho cultural do Estado* publicado pela revista *Encontros com a Civilização Brasileira* nº16, no qual polemiza diretamente com Ferreira Gullar, Roberto Schwarz e Luis Costa Lima sobre o conceito de ideologia em face do de cultura, e o artigo *Quem tem medo de Louis Althusser?*.

De sua produção intelectual dessa fase também devem ser destacados os artigos publicados pela *Tempo Brasileiro* que embora abordassem a problemática do método estruturalista e da semiótica, e incorporassem algumas das perspectivas da chamada corrente estruturalista (Lévi-Strauss, por exemplo), foram escritos sobre influência de Althusser e de seus colaboradores: *Resposta a Carpeaux: estruturalismo* no nº 15/16 (1967), *Comunicação e "fait divers"* no nº19/20 (1968) e *Leituras de Saussure: proposições semiológicas* no nº29 (1972), e os livros *O método estruturalista* (1967), *Semeion: proposições para uma semiologia e uma lingüística* (1973b), *Psicanálise e ciência da história* (1974), *Semiologia e Lingüística Hoje* (1975). Althusser ainda estaria presente em seus trabalhos posteriores a 1979, apesar de Escobar ter incorporado outras perspectivas filosóficas como Nietzsche, Foucault e Deleuze: a peça *A tragédia de Althusser (Paixão do marxismo)* (1983)<sup>1</sup>, e nas obras *Marx trágico: o marxismo de Marx* (sua tese de doutorado) (1993), e *Marx: filósofo da potência* (1996). É importante frisar que esses dois livros sobre Marx foram publicados numa direção oposta à onda neoliberal conservadora amplamente internalizada pelos aparatos universitários e na qual muitos intelectuais

---

<sup>1</sup> Este texto antecipou-se a peça de Marcio Vianna exibida nos anos 1990, inspirada na autobiografia de Althusser *O Futuro Dura Muito Tempo*, e com as interpretações de Rubens Corrêa e Vanda Lacerda nos papéis de Louis e Helene Althusser.

das áreas de Ciências Sociais, Economia, Filosofia e História anunciaram o fim do marxismo e do socialismo a partir da crise do "socialismo real" do leste europeu. Cristalizou-se uma hegemonia do pensamento liberal centrada nos direitos individuais, e no plano das pesquisas a ênfase nos estudos de caso, de vida cotidiana e de pesquisas empíricas desprovidas de teoria, fundamentadas apenas nos fatos pesquisados e "revelados". Também devem ser citados na sua produção intelectual os livros *Michel Foucault: dossier* (1984), *Por que Nietzsche?* (1985) *Dossier Deleuze* (1991), *Nietzsche (dos companheiros)* (2000) e *Zaratustra (o corpo e os povos da tragédia)* (2000), e o eu último artigo publicado no Brasil em 2008 *Direito humanos. Com Marx* pela revista *Psicologia Clínica*.

Não é o meu objetivo analisar as duas obras de Escobar sobre Marx, mas é necessário fazer uma breve observação sobre esses trabalhos, já que estão situados fora do contexto em que se empenhou a analisar e defender as teses de Althusser. É perceptível nesses dois livros uma aproximação que Escobar faz de Marx com Nietzsche na oposição ao Iluminismo moderno, a sociedade capitalista e, sobretudo, na oposição à dialética hegeliana do *Sujeito da História*. Embora Escobar ainda recorra a algumas teses de Althusser, como a contradição sobredeterminante e da ausência de um sujeito, ele afastou-se de outras posições defendidas inicialmente por Althusser como a ênfase no papel da ciência na obra de Marx e também da definição do Materialismo Dialético enquanto a *Teoria da produção de conhecimento das teorias regionais* (história, sociologia, política, pedagogia, etc.). Contudo, o interessante é que o seu reencontro com Althusser nessa fase coincide também com as mudanças operadas por Althusser na sua teoria. Essa mudança no seu pensamento teve como ponto inicial o artigo *Marxismo como teoria finita* de 1978, culminando no texto *A corrente subterrânea do materialismo do encontro* de 1982, aparentemente desconhecidos por Escobar, pois não são citados na bibliografia desses dois livros (sendo que o último texto era pouquíssimo conhecido no Brasil até a segunda metade dos anos 1990). Há de fato um "acaso" nesse reencontro de Escobar com Althusser já que ambos compartilhavam de uma posição semelhante: a filosofia de Marx é uma obra aberta, sujeita a emergência das novas questões, problemáticas e se caracteriza por um materialismo aleatório, do acaso, da contingência.

Essa virada na obra de Althusser fica clara na seguinte passagem do artigo *Marxismo como teoria finita* onde afirma:

“A ideia que a teoria marxista é ‘finita’ exclui totalmente a ideia de que ela seja uma teoria ‘fechada’. Fechada é a filosofia da história, na qual está antecipadamente contido todo o curso da história. Somente uma teoria ‘finita’ pode ser realmente ‘aberta’ às tendências contraditórias que descobre na sociedade capitalista, e aberta ao seu devenir aleatório, aberta às imprevisíveis ‘surpresas’ que sempre marcaram a história do movimento operário; aberta, portanto atenta, capaz de levar a sério e assumir *em tempo* a incorrigível imaginação da história (1998: p.65)”.

Em *A corrente subterrânea do materialismo do encontro*, Althusser explicita mais essa sua nova posição. Já não há mais ênfase como nos seus textos iniciais do papel da ciência da história do marxismo, mas sim do materialismo aleatório (do encontro) no qual Marx é uma das suas principais expressões ao lado de Maquiavel, Hobbes, Spinoza, Rousseau, Heidegger e Derrida. Retomando a sua afirmação do processo sem sujeito e sem fim, Althusser agora afirma que:

“O primado do ‘nada’ sobre qualquer ‘forma’, e do *materialismo aleatório sobre qualquer formalismo*. (...) Cada encontro é aleatório; não somente nas suas origens (nada garante um encontro), mas nos seus efeitos. Dito de outra maneira, cada encontro, embora tenha acontecido, poderia não ter acontecido, mas sua possível negação esclarece o sentido de seu ser aleatório. E todo encontro é aleatório em seus efeitos pelo fato de que nada nos elementos do encontro mesmo, os contornos e as determinações do ser que surgirá. (...) Ou seja, em lugar de pensar a contingência como modalidade ou exceção da necessidade, é necessário pensar a necessidade como vir-a-ser-necessário do encontro de contingentes (Althusser, 2002: pp. 58, 59 e 60)”<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Sobre a presença de um “projeto subterrâneo” no “projeto declarado” de Althusser, i.e., a existência de traços teóricos do chamado “último” Althusser nas suas obras iniciais desde o início dos anos 1960, coexistindo um pensamento *esotérico* com um pensamento *exotérico* na teoria althusseriano, veja o excelente livro de Emílio de Ípola (2007) *Althusser, el infinito adiós*.

Escobar, por seu turno, vai ao encontro dessas novas afirmações de Althusser, embora trilhando por outras vias. Segundo ele:

“Partir do *acaso* é uma exigência materialista irrecusável. Senão, até mesmo a garantia de que temos com o pensamento e a vida (isso tudo que jamais separaremos) uma relação que se quer íntegra e sem perdão. Não houve nem haverá outro solo para o materialismo que não o acaso, pois esta filosofia (a de Marx) não é uma vocação ingênua da matéria ou da coisa. Só o materialismo vulgar se faz e participa dos debates em torno da matéria e do espírito tal como o idealismo pode invocar a seu favor o espírito, Deus, o Ser. (...) Daí que quando eu me refiro a *aquilo de que se trata* estou pensando nesta filosofia do acaso e do pensamento pesado (o *factum*) que, sob formas diferentes, asseguram uma crítica e uma política radical tanto a Marx quanto a Nietzsche. Digo, particularmente a Marx na forma da política comunista (Escobar, 1993: pp. 8e 9)”.

Em seu trabalho posterior *Marx: filósofo da potência*, Escobar retoma a sua tese do materialismo do acaso ao afirmar:

“Ao contrário da metafísica que junta em seus ideais (de dimensão transcendental) a natureza e a história, ou de Lévi-Strauss que os resume no cérebro, Marx (e Nietzsche) coloca um e outro numa intensidade como *problemática* aberta (o acaso e sua afirmação, como decisão e multiplicidade) nos deixando ‘livres’ para formular uma política à deriva da necessidade e do *telos* (1996: p. 32).”

Retornando ao artigo em questão, *Quem tem medo de Louis Althusser?* - distintamente dos outros trabalhos de Escobar sobre o marxismo althusseriano, em que a análise teórica era o ponto central, esse texto trata, sobretudo, do impacto político das teses de Althusser na formação social brasileira durante o período da ditadura militar. As duas questões centrais de Escobar são:

1) tanto o marxismo acadêmico, predominantemente na USP e CEBRAP, como os intelectuais militantes do PCB e inspirados em Lukács opuseram-se a perspectiva althusseriana, seja no aspecto teórico (na defesa da interpretação humanistas e/ou historicistas da obra de Marx) como no político, haja vista a posição de defesa da perspectiva revolucionária presente nos textos de Althusser e de seu grupo no cenário político dos anos 1960/1970; e

2) a incorporação dessas teses althusserianas por parte de alguns movimentos revolucionários que atuaram na guerrilha no Brasil. Começando pela última houve, com efeito, uma internalização de conceitos althusserianos por parte da esquerda revolucionária, particularmente na Ação Popular Marxista-Leninista (APML), como apontam Jacob Gorender (1987) e Marcelo Ridenti (2002) em análises posteriores ao texto de Escobar. A aproximação da APML com o marxismo althusseriano não foi fortuita, visto que Althusser era extremamente simpático ao pensamento de Mao Tsé-Tung (sobretudo ao texto *Sobre a Contradição*) e entusiasta da Revolução Cultural Chinesa iniciada em 1966, além de defender intensivamente o marxismo-leninismo<sup>3</sup> que vinha em plena emergência com os movimentos revolucionários do Terceiro Mundo. Sobre a primeira questão há outros aspectos relacionados que necessitam de análise.

De fato Escobar tem razão ao afirmar que alguns intelectuais situados no eixo USP-CEBRAP, representados, sobretudo, por José Arthur Giannotti e Fernando Henrique Cardoso, demarcaram uma intensa oposição à perspectiva althusseriana. Contudo, houve também em São Paulo uma expressiva assimilação e contribuição ao debate althusseriano por parte de alguns cientistas sociais. Isso fica evidenciado com as contribuições iniciais de João Quartim de Moraes e, principalmente, de Luiz Pereira (que era professor de Sociologia da USP) nos seus dois trabalhos *Capitalismo: notas teóricas* e *Anotações sobre o capitalismo*, ambos de 1977. Além deles houve também a incorporação do marxismo althusseriano nos trabalhos de

---

<sup>3</sup> É atribuído a Louis Althusser a autoria de um artigo anônimo intitulado *Sur la révolution culturelle* publicado na revista *Cahiers marxistes-léninistes* no número de Novembro/Dezembro. Ademais, intelectuais próximos a Althusser se identificaram com o maoísmo a exemplo de Alain Badiou, Charles Bettelheim, Jacques Rancière e Nicos Poulantzas. Esse artigo está disponível no site da revista *Décalages* <http://scholar.oxy.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1003&context=decalages>. Também é necessário lembrar a carta de Louis Althusser endereçada a Régis Debray (1977) publicada no livro deste *A crítica das armas*, na qual faz uma crítica à generalização da estratégia foquista nas diferentes formações sociais da América Latina e de outras regiões do Terceiro Mundo. Além disso, há também a sua extensa correspondência com a jornalista e militante do PCI Maria Antonietta Macciocchi (1969), que representava naquele contexto a ala esquerda (de tendência maoísta) do partido.

Décio Saes, Armando Boito Jr., Théo Santiago, Lúcio Flávio de Almeida e Robert Henry Srouf na segunda metade dos anos 1970 e início dos 80. Distintamente do grupo carioca que se voltou mais para as questões epistemológicas apresentadas por Althusser, o grupo paulista direcionou a teoria do pensador francês e de seus seguidores (principalmente Nicos Poulantzas) para o campo de pesquisa da sociologia, da ciência política, da história e da pedagogia<sup>4</sup>.

No entanto, isso não invalida a crítica dirigida por Escobar a determinados intelectuais paulistas, situados no campo do marxismo, que tinham à época a hegemonia nos aparatos universitários<sup>5</sup> e mostraram desde o início uma forte

---

<sup>4</sup> É importante frisar que alguns dos seguidores de Althusser RJ foram buscando outros enfoques para além da discussão teórica e epistemológica, a exemplo do historiador Manuel Mauricio de Albuquerque em sua obra *Pequena história da formação social brasileira* (1986), e Eginardo Pires que direcionou a contribuição teórica do marxismo althusseriano para o campo da economia política, como visto no seu livro *Valor e acumulação* (1979). Também se deve ressaltar que Eginardo Pires e Escobar fizeram importantes contribuições na segunda metade dos anos 1970 no tocante à problemática relacionada à ideologia e aos aparelhos institucionais. Vide o artigo de Eginardo Pires *Ideologia e Estado em Althusser: uma resposta* (1978), e os dois livros de Escobar *Discursos, instituições e história* (1975) e *Ciência da história e ideologia* (1978), e também o artigo *Da Categoria de Cultura: do Aparelho Cultural do Estado* (1979).

<sup>5</sup> Essa oposição e implicância ao marxismo de Althusser ainda se faz presente como se pode verificar na entrevista de José de Souza Martins (discípulo e ex assessor de Fernando Henrique Cardoso) a Conrado Pires de Castro (2010), intitulada *Luiz Pereira e sua circunstância*. Nessa longa entrevista, Martins condena Luiz Pereira por ter incorporado o marxismo althusseriano, devido ao fato de ser “esquemático”, “simplista”, e por não conseguir analisar profundamente as contradições da sociedade. Além disso, associa o althusserianismo ao catolicismo progressista que estaria levando o MST a cometer equívocos políticos, como podemos ver nessa passagem: “A opção althusseriana no marxismo de retaguarda teórica, que, ao menos desde os anos de 1970, vem informando os movimentos populares amparados na ação pastoral católica e, desde os anos de 1980, nas ações do MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, nascido na Pastoral da Terra –, é uma opção que bem demonstra o abismo que separa a ideologia desses movimentos da práxis rica e potencialmente criativa neles contida. As dificuldades são maiores na conceitualização cotidiana e direta dessa práxis por parte de seus próprios agentes e militantes. O althusserianismo encobre e empobrece as dimensões complexas e profundas da vivência dos pobres, empobrecendo, portanto, a consciência social potencialmente contida no modo cotidiano de experimentar a vida em condições de adversidade extrema (2010: 228)”. Se há algum autor filiado ao marxismo, e que tenha enfatizado o papel das contradições e a sua complexidade numa dada realidade concreta, foi sem dúvida Althusser. Isso fica nítido na sua refutação as concepções monistas e reducionistas, pois para ele as contradições alteram e se deslocam durante as diversas conjunturas nas diferentes formações sociais. Além disso, Martins omite por completo os textos de Althusser que foram recentemente conhecidos como *Maquiavel e nós*, *Notas sobre a filosofia*, *As correntes subterrâneas do materialismo*, etc., de grande densidade teórica. Também me parece extremamente impressionista a acusação de José de Souza Martins sobre a articulação do althusserianismo e a teologia da libertação, lembrando que nenhum dos althusserianos que participaram da *Tempo Brasileiro*, como também os que atuavam em São Paulo, estiveram ligados ao clero progressista, antes e durante a aproximação que tiveram com a obra de Althusser. Diferentemente disso, a maioria identificava-se com a perspectiva marxista-leninista articulada com o maoísmo, mas numa atuação independente da APML. Essa associação é falsa, pois intenciona identificar o althusserianismo como um dogma religioso (uma ideologia), e contradiz de modo deturpado a posição de Althusser já que este define o marxismo enquanto uma problemática (obra) aberta, em permanente mudança, já que incorpora constantemente as novas problemáticas teóricas. Ademais, é importante frisar que ele não defende uma posição teleológica do marxismo, já que não há sujeito e nem processo: o sujeito se constitui de acordo com os múltiplos e adversos processos em curso. A “crítica” de Martins além de distorcer a leitura que Althusser faz da obra de Marx, soa com tom acusatório de fundo conservador: “se difundiu [o marxismo althusseriano] no Brasil, mais entre comunistas e católicos de esquerda no Rio de Janeiro. Por intermédio das bases católicas, viria a ser a orientação ideológica de ponderáveis grupos do PT, radicada especialmente no MST, que adotaria uma discípula de Althusser, a chilena Martha Harnecker, como referência teórica de sua prática”(idem: 227). No entanto, a despeito



oposição às teses do marxismo althusseriano, já que se autodenominavam os “fiéis” intérpretes da leitura do *Capital* respaldados pelos estudos realizados durante *Os Seminários de Marx* no início dos anos 1960<sup>6</sup>. Somando-se a eles, também deve ser destacada a aversão ao marxismo althusseriano por parte de marxistas filiados à escola lukacsiana e de inspiração política eurocomunista, ligados ao PCB, como podemos verificar nos trabalhos de Leandro Konder e, sobretudo, de Carlos Nelson Coutinho. O que se deve destacar nessa crítica de Escobar a esses intelectuais, foi o fato de que os principais opositores da obra de Althusser (Giannotti e Cardoso) apresentaram-se efetivamente, no decorrer do tempo, como social-democratas completamente opostos a qualquer política de mudança radical na sociedade e no Estado, além de internalizarem durante o período de poder que exerceram nos aparatos estatais durante os anos 1990 a perspectiva neoliberal promovida pelo Consenso de Washington, Banco Mundial e o FMI. Romperam informalmente com Marx para adotarem, mesmo que *en passant*, ou sem assumir explicitamente,<sup>7</sup> as premissas teóricas e políticas dos neoliberais como Friedrich Hayek, James Buchanan e Kenneth Arrow.

Contudo, a relação intelectual de Escobar com Giannotti e os marxistas de São Paulo (pelo menos os do *Seminário de Marx*) nem sempre foi conflitiva, como ele demonstrou em algumas passagens do seu artigo pioneiro sobre Althusser *De um marxismo com Marx* escrito em 1966. Escobar reconhecia em Giannotti na sua obra *Origens da dialética do trabalho* uma importante contribuição ao pensamento marxista, como na questão da descontinuidade teórica do Marx maduro em relação ao jovem Marx e o somava às contribuições de Althusser, Della Volpe e Maurice Godelier a essa problemática. Também na nota 15 desse artigo Escobar ressalta a importância dos marxistas da Escola paulista na crítica ao conceito de burguesia nacional que era amplamente empregado pelos intelectuais ligados ao ISEB, como

---

dessa afirmação, não se encontra nenhum livro de Althusser no catálogo de publicação da editora *Expressão Popular* que é dirigida pelo MST. Esse tipo de crítica desprovida de consistência teórica, e preconceituosa, confirma a denúncia de Escobar em relação a uma parte da intelectualidade uspiana (Giannotti, Cardoso e Martins) que se opôs (e ainda se opõe) ao marxismo de Althusser, motivada por posições ideologicamente conservadoras, ou, na melhor das hipóteses, reformistas.

<sup>6</sup> Participaram além de Giannotti e Cardoso dos *Seminários de Marx* outros acadêmicos da USP como Octávio Ianni, Francisco Weffort, Paul Singer, Francisco de Oliveira, Michael Löwy, Emir Sader, Eder Sader, Ruth Cardoso, entre outros.

<sup>7</sup> Sobre a incorporação das idéias neoliberais do governo FHC, veja a recente autocrítica do ex-ministro Bresser Pereira em entrevista a Maria Inês Nassif disponível nesse site <http://blogdoflavioloureiro.blogspot.com/2011/04/ex-ministro-de-fhc-rompe-com-o-psdb.html>

também no discurso dos dirigentes do PCB<sup>8</sup>. Mas essa aproximação com Giannotti tinha sentido naquela conjuntura, visto que o próprio Giannotti declamava sobre as mudanças ocorridas na obra de Marx em relação à dialética hegeliana fazendo, desse modo, consonância com as posições de Althusser. O próprio Giannotti declara no seu prefácio de 1965:

“Muito a contragosto fazemos uma concessão à moda e nos dedicamos exclusivamente aos textos de juventude desse último autor. Nosso primeiro projeto compreendia um balanço geral da dialética marxista e foi somente no curso de nosso estudo, quando nos convencemos da radical oposição epistemológica entre os textos de juventude e os de maturidade, que nos decidimos analisar a dialética primitiva, preparando o terreno para um livro posterior. De outra forma, se juntássemos num mesmo escrito a discussão dos dois procedimentos, a todo momento deveríamos recorrer a universos diferentes do discurso, criando uma confusão indecifrável (Giannotti, 1985: 10)”.

Essa relação amistosa de Giannotti com as posições de Althusser (que é inclusive citado no livro para fundamentar o seu argumento sobre a impossibilidade da produção em geral, vide a página 198) foi rompida logo em seguida quando o filósofo da USP escreveu o artigo *Contra Althusser*, cuja publicação no Brasil deu-se no ano de 1968. Embora o parágrafo inicial reconheça méritos da importância da pesquisa de Althusser e de “seus companheiros” por realizarem “sem dúvida o maior inventário feito do marxismo até hoje”(1980: 87), esse reconhecimento é desconstruído ao longo do artigo e a conclusão de Giannotti não deixa dúvidas sobre isso: Althusser e seu grupo não se opuseram à corrente estruturalista francesa e endossaram a cultura positivista francesa<sup>9</sup>. Já no prefácio da segunda edição de *Origens da dialética do trabalho*, Giannotti rompe de vez com qualquer aproximação teórica com Althusser ao incorporar definitivamente a defesa e a recuperação da

---

<sup>8</sup> “Não podemos deixar de reconhecer, na forma de possibilidades, o que poderia significar à prática política dos marxistas a elaboração da teoria (dialética) na forma em que pensa Althusser. No Brasil, com os trabalhos do grupo de São Paulo (Giannotti e outros) aos poucos aparecerão condições de toda ordem para se empreender uma crítica, e para se procurar uma saída ao oportunismo teórico e ao indiferentismo político em que caíram (com exceção dos jovens) os defensores (não importa porque, nem como) da “burguesia nacional (Escobar, 1966/1967: 47)”.

<sup>9</sup> “Mas é impressionante que as idéias e o positivismo de Althusser e de seu grupo venham precisamente engrossar a as águas do anti-historicismo que predomina nesse país [França]: estruturalistas, althusserianos ou existencialistas, cada um à sua maneira, trazem a História para a égide do psicologismo e justificam, desse modo, a desconfiança que todos temos atualmente contra esta enigmática noção (Giannotti, 1980: 101).

“dimensão humanista na luta de classe”<sup>10</sup>. A resposta de Escobar a essa nova posição de Giannotti ficou bem expressa numa passagem de seu livro *As ciências e a filosofia*:

“Giannotti retoma com isso as preocupações de muitos ‘marxistas’ hostis à luta de classes na medida em que se constitui em um estudioso e entusiasta de Hegel em Marx, e de um Marx como ‘filósofo menor’ em Hegel. Ao contrário de Giannotti, Lukács, Merleau-Ponty, não é necessário ler Hegel para entender Marx, mas, pelo contrário, a leitura de Marx é a condição para a inteligibilidade de Hegel, como disseram Lênin e Althusser. (...) Nós, aqui no Brasil, sabemos como esse esforço de confundir as problemáticas marxistas com a filosofia de Hegel vai além de um propósito apenas intelectual (...), ele foi e continua sendo o sustentáculo ideológico de uma política reformista. Esse esforço, por exemplo, no professor Giannotti, se une a um imobilismo político e conseqüente indiferença à luta de classe (Escobar, 1975a: 29 e 31)”.

A principal linha de demarcação entre a corrente althusseriana e seus críticos está explicitamente demarcada por Escobar: de um lado os que defendiam o processo revolucionário na direção da construção de um modelo societal e estatal socialista, do outro, aqueles que apreendiam na obra de Marx o seu cunho humanista, para fundamentarem a defesa de um processo reformista sem rupturas e descontinuidades com as instituições capitalistas, sob a égide da hegemonia burguesa na edificação desse projeto. De fato isso veio a ocorrer nos anos 1990 quando Fernando Henrique Cardoso instituiu durante o seu governo “o fim da Era Vargas”, e constituiu a social-democracia neoliberal que vinha se estabelecendo em solo europeu desde a década de 1980 e atingiu o seu ápice com a chamada “Terceira Via” a partir do fim do socialismo de Leste europeu. Outro aspecto que não pode ser deixado de lado na crítica de Escobar aos marxistas reformistas e anti-althusserianos, é o fato de eles terem recorrido aos conceitos de Althusser sem lhe darem o devido crédito, em especial aos conceitos de autonomia relativa do Estado,

---

<sup>10</sup> “Sempre pensei este livro como abertura para um estudo mais profundo da obra de maturidade de Marx. (...) Mas o correr do tempo me ensinou, principalmente depois das peripécias do althusserianismo, que mais uma leitura de Marx, sem um diálogo com a trama das Ciências Sociais contemporâneas, era tarefa voltada ao formalismo oculto. (...) Nunca quis ler o jovem Marx como se sua verdade estivesse na maturidade; não tenho essa predileção pela velhice (Giannotti, 1985)”.

de aparelhos de Estado (repressivo e ideológico) e da determinação em última instância do econômico<sup>11</sup>.

Já passados mais de 30 anos desse artigo de Escobar, o cenário acadêmico piorou muito em relação àquele contexto. Se antes o marxismo reformista acadêmico predominava nos aparatos universitários no campo das ciências sociais, da filosofia, e da história, a partir dos anos 1990 qualquer corrente marxista (reformista ou revolucionário, humanista ou não humanista) estava estigmatizada pelos centros de excelência acadêmica, com a forte predominância do pensamento liberal. É um período marcado pela ascensão de Tocqueville, da teoria da Escolha Racional, do neoliberalismo "utópico" de Hayek e Nozick, do liberalismo reformista de Rawls e Bobbio, do neokantismo de Habermas, da história das mentalidades, etc., em detrimento do pensamento democrático de Rousseau, das diversas correntes do marxismo e de perspectivas críticas como a de Michel Foucault, que foram marginalizados pelo discurso acadêmico identificado com o "pensamento único", o liberalismo, que decretou o "fim da história" e dos conflitos sociais.

Mas uma lição que nos deixou Althusser, e os que estiveram próximos ao seu pensamento (como Poulantzas e o próprio Foucault), é a de que onde existe a reprodução das relações de poder sempre há a constituição de práticas de resistência a essa reprodução. A prova disso é que nos últimos 10 anos houve, no campo acadêmico brasileiro<sup>12</sup>, uma forte retomada do pensamento marxista, e em especial à corrente althusseriana, a despeito de continuar marginalizada no mercado editorial brasileiro.<sup>13</sup> Destacam-se nessa nova leva os nomes de Aluizio Alves Filho, Márcio Bilharinho Naves, José Paulo Bandeira da Silveira, Adriano Codato, Andriei Gutierrez, Ângela Lazagna, Augusto Cesar de Oliveira, Cláudio Gurgel, Danilo Martuscelli,

---

<sup>11</sup> Isso fica bem explícito na crítica de Eginardo Pires (1978) a Fernando Henrique Cardoso quando este ao denegar a obra de Althusser, incorporou-a nas suas análises sobre os aparatos de Estado. Para Pires, Cardoso em sua "crítica", reconhece em Althusser o "outro" que tenta desconstruir, mas subscreve inconscientemente muitas de suas contribuições teóricas. Entretanto, como já apontara Escobar, no campo político a adversidade e diferença entre ambos são abissais.

<sup>12</sup> E também fora do Brasil, a exemplo dos trabalhos de Paul Thomas, Antonio Negri, Peter Bratsis, Stanley Aronowitz, Gabriel Albiac, François Matheron, Warren Montag, Giorgos Fourtounis, Andrea Cavazzini, Matt Bonal, Luke Ferretter, Ben Brewster, Oliver Corpet, Gregory Elliot, Emilio De Ípola, Mikko Lahtinen, Pedro Fernandez Liria, Clyde W. Barrow, Yoshihiko Ichida, entre outros. Uma das principais manifestações dessa redescoberta da obra de Althusser é a revista *Décalages* dirigida por Warren Montag, disponível no site <http://scholar.oxy.edu/decalages/>.

<sup>13</sup> É só verificarmos o catálogo das publicações das editoras que têm publicado material de teor marxista como a Boitempo, Expressão Popular, entre outras. Uma das raras exceções é a revista *Crítica Marxista* produzida pelo CEMARX-UNICAMP que tem divulgado em diversos números artigos de (ou sobre) Althusser e Poulantzas. A revista *Outubro* publicou em 1998 o artigo inédito em português *Marxismo como teoria finita*. Em relação a livros, apenas dois de Althusser foram traduzido para o português nos últimos dez anos: *Sobre a reprodução* (Vozes) e *Política e história: de Maquiavel a Marx* (Martins Fontes).

Francisco Pereira de Farias, Luciano Cavini Martorano, Sérgio Soares Braga, Mariana de Gainza, Thiago Barison e o autor do presente texto.

Para concluir, destaco uma passagem do artigo de Décio Saes sobre a recepção da teoria althusseriana no Brasil<sup>14</sup> na qual ele ressalta o papel do grupo da *Tempo Brasileiro* liderado por Escobar e afirma que:

“o grupo althusseriano do Rio de Janeiro preencheu um papel preciso na história da luta de idéias no Brasil: a difusão do pensamento althusseriano em seu início e, a seguir, sua valorização no contexto de um ‘cerco’ acadêmico, cuja arma principal era sua qualificação alternativa (quando não simultânea) como ‘positivista’, ‘estruturalista’ ou ‘estalinista’ (2007: 69).”

A importância de Carlos Henrique Escobar, como do seu grupo, foi fundamental para que novas sementes fossem plantadas, já que essa retomada do pensamento althusseriano é resultado direto dessa ação que encontrou diversas adversidades dentro e fora do marxismo. Resta-nos agora saber e combater, teórica e politicamente, quem ainda continua temendo o marxismo renovador de Louis Althusser.

#### BIBLIOGRAFIA SELECIONADA DA OBRA DE CARLOS HENRIQUE ESCOBAR<sup>15</sup>

ESCOBAR, Carlos Henrique “De um marxismo com Marx” in *Revista Tempo Brasileiro* nº 13/19, 1966/67.

\_\_\_\_\_ “Resposta a Carpeaux: estruturalismo” in *Revista Tempo Brasileiro* No 15/16, 1967.

\_\_\_\_\_ (org.) *O método estruturalista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

\_\_\_\_\_ “Comunicação e ‘fait divers’ ” in *Revista Tempo Brasileiro* No 19/20, 1968.

<sup>14</sup> Deve-se também ressaltar que houve um conjunto de intelectuais que embora não incorporassem o marxismo althusseriano no todo, recorreram a muitos de seus conceitos. Nesse grupo encontram-se os nomes de Moacir Palmeira, Carlos Estevam Martins, Miriam Limoeiro, Madel Therezinha Luz, José Augusto Guilhon Albuquerque e Gisálio Cerqueira Filho.

<sup>15</sup> Esta bibliografia se remete exclusivamente aos trabalhos filosóficos, omitindo as obras teatrais e os livros de poesia.

\_\_\_\_\_ "Uma filosofia dos discursos: uma ciência dos discursos ideológicos" in *Epistemologia, Revista Tempo Brasileiro*, nº 30/31, 1973a.

\_\_\_\_\_ *Semeion: proposições para uma semiologia e uma lingüística*. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 1973b.

\_\_\_\_\_ "As instituições e o poder" in *As instituições e os discursos, Tempo Brasileiro*, nº 35, 1974a.

\_\_\_\_\_ (org.) *Psicanálise e ciência da história*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974b.

\_\_\_\_\_ *As ciências e a filosofia*. Rio de Janeiro: Imago, 1975a.

\_\_\_\_\_ *Epistemologia das ciências hoje*, Rio de Janeiro: Pallas, 1975b.

\_\_\_\_\_ *Discursos, instituições e história*. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1975c.

\_\_\_\_\_ (org.) *Semiologia e Lingüística Hoje*. Rio de Janeiro: Pallas, 1975d.

\_\_\_\_\_ *Ciência da história e ideologia*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

\_\_\_\_\_ "Da categoria de cultura: do aparelho cultural do Estado" in *Encontros com a Civilização Brasileira* nº16, 1979.

\_\_\_\_\_ (org.) *Por que Nietzsche?*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1985.

\_\_\_\_\_ (org.) *Michel Foucault: dossier*. Rio de Janeiro: Taurus, 1984.

\_\_\_\_\_ (org.) *Dossier Deleuze*. Rio de Janeiro: Taurus, 1991.

\_\_\_\_\_ *Marx trágico: o marxismo de Marx*. Rio de Janeiro: Taurus, 1993.

\_\_\_\_\_ *Marx: filósofo da potência*. Rio de Janeiro: Taurus, 1996.

\_\_\_\_\_ *Nietzsche (dos companheiros)*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000a

\_\_\_\_\_ *Zaratustra (o corpo e os povos da tragédia)*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000 b.

\_\_\_\_\_ *Direito humanos. Com Marx*. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2008.

\_\_\_\_\_ ; Pires, Eginardo et alli *Epistemologia e teoria da ciência*. Petrópolis: Vozes, 1971.

## BIBLIOGRAFIA CITADA

ALBUQUERQUE, Manoel Maurício de *Pequena História da Formação Social Brasileira*, 4ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

ALTHUSSER, Louis "Marxismo como teoria 'finita' " in *Outubro*, nº2, pp. 63-73, 1998.

\_\_\_\_\_ *Para um materialismo aleatório*. Madri: Arena Libros, 2002.

DEBRAY, Règis *A crítica das armas*. Lisboa: Seara Nova, 1977.

GIANNOTTI, José Arthur *Exercícios de Filosofia*, 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1980.

\_\_\_\_\_ *Origens da dialética do trabalho: estudo sobre a lógica do jovem Marx*, 2ª ed. Porto Alegre: L&PM, 1985.

GORENDER, Jacob *Combate nas trevas*. São Paulo: Ática, 1987.

ÍPOLA, Emílio de *Althusser, el infinito adiós*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007.

MACCIOCCHI, Maria Antonietta *Lettere dall'interno del PCI a Louis Althusser*. Milano: Feltrenelli, 1969.

MARTINS, Carlos Eduardo e VALENCIA, Adrián Sotelo (org.) *A América Latina e os desafios da globalização. Ensaio dedicados a Ruy Mauro Marini*, São Paulo: Boitempo, 2009.

MARTINS, José de Souza; CASTRO, Conrado Pires de "Luiz Pereira e sua circunstancia" in *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, v. 22, n. 1, 2010.

PADILHA, Tarcísio *Filosofia, ideologia e realidade brasileira*. Rio de Janeiro: CEA, 1971.

PIRES, Eginardo "Ideologia e Estado em Althusser: uma resposta" in *Encontros com a Civilização Brasileira*, nº 6, 1978.

\_\_\_\_\_ *Valor e acumulação*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

RIDENTI, Marcelo "Ação Popular: Cristianismo e Marxismo" In: Daniel Aarão Reis Filho; Marcelo Ridenti. (Org.). *História do Marxismo no Brasil*, vol.5. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002, v., p. 213-282.

SAES, Décio "O impacto da teoria althusseriana da história na vida intelectual brasileira" in João Quartim Moraes (org.) *História do Marxismo no Brasil*, vol. 3, 2ª ed., Unicamp, 2007.

RESUMO: Este artigo tem como objetivo apresentar ao leitor o polêmico texto escrito pelo filósofo brasileiro Carlos Henrique Escobar, no qual ao defender as teses marxistas de Louis Althusser acusa parte da intelectualidade marxista do Brasil, especialmente a que estava inserida no eixo USP-CEBRAP, de se opor não somente

aos aspectos teóricos de sua leitura de Marx, mas também os efeitos políticos que ela produzia.

PALAVRAS-CHAVE: Althusser, Escobar, USP, ideologia, revolução.

This article aims to present the reader with the polemical text was written by philosopher Carlos Enrique Escobar, in which to defend the Marxist thesis of Louis Althusser's accuses part of Brazil Marxist intelligentsia, especially the one that was inserted in the USP-CEBRAP axis to oppose not only the theoretical aspects of his reading of Marx, but also the political effects that it produced.

KEY WORDS: Althusser, Escobar, USP, ideology, revolution.

Cet article vise à présenter au lecteur le texte polémique écrit par le philosophe Carlos Escobar Enrique, qui pour défendre la thèse marxiste de Louis Althusser accuse partie l'intelligentsia marxiste du Brésil, en particulier celle qui a été inséré dans le axe USP-CEBRAP à s'opposer non seulement les aspects théoriques de sa lecture de Marx, mais aussi les effets politiques qui l'a produite.

MOTS-CLES: Althusser, Escobar, USP, ideologie, révolution.

\* O autor é doutor em Sociologia pelo IUPERJ e professor adjunto de Ciência Política do IFCS-UFRJ. Email: [luizpmotta@ig.com.br](mailto:luizpmotta@ig.com.br).